

# 3

## CAPÍTULO

---

Para ler e educar-se: a circulação das novelas de  
Corin Tellado no sul do Brasil (1965-1975)

*Para leer y educarse: las novelas sentimentales de  
Corin Tellado en el sur de Brasil (1965-1975)*

*To read and educate themselves: the sentimental novels  
of Corin Tellado in southern Brazil (1965-1975)*

---

Maria Teresa Santos Cunha

### RESUMEN

En este estudio se ha analizado, mediante el análisis de un corpus documental compuesto por una colección (Pocket Books), escrito por una española - Corin Tellado - difundida ampliamente en Brasil entre las décadas del 60 y 70 del siglo pasado. En clave de literatura ordinaria, tanto en sus medios materiales con el texto en sus dispositivos, se persigue el objetivo de analizar el conjunto de normas morales y de conducta prescritas que componen el repertorio civilizaciones de una época. La búsqueda de estos lenguajes aparecen impregnados de conocimientos relacionados con la producción de otras formas de sensibilidad y

emociones que no fueron consideradas durante mucho tiempo por los historiadores que participaron en los aportes racional y científico, inaugurados por la Modernidad.

## **PALABRAS CLAVE**

Corin Tellado, lecturas ordinarias, civilidades, emociones, novelas.

## **SUMMARY**

This study analyses a documentary corpus consisting of a collection (Pocket Books) written by a Spaniard - Corín Tellado - that circulated widely in Brazil in the 1960s and 1970s. This analysis views these as *literature*, both in terms of material support and literary devices, with the aim of mapping joint data of moral rules and prescribed behaviours that make up the repertoire of the civility of a certain period. The search for these languages seems to be charged with knowledge relating to the production of other forms of sensitivity and emotions disregarded for a long time by historians involved in the rational and scientific contributions inaugurated by Modernity.

## **KEY WORDS**

Corin Tellado, Usual reading, civilities, emotions, novels.

---

Durante o ano de 1946, uma jovem espanhola então com vinte anos -Corin Tellado- pseudônimo de Maria Del Socorro Amália Tellado López, nascida nas Astúrias em 1927, escreveu seu primeiro "romance" (*Atrevida Apuesta*) em forma de "bolsilivro", ou livro de bolso assim chamado pelo seu tamanho menor (15 cm x 10,5 cm), editado em 1948 pela Editorial Bruguera.<sup>1</sup> Em meados de 1960, Bruguera firmou o termo 'bolsilivros' e os exportou para a América Hispânica (Argentina, México, Chile, Venezuela, Colômbia e Brasil, principalmente) sendo um sucesso de vendas em todos estes países. O número de vendas e conseqüentemente de leitoras se constitui em um dado a mais para investigações sobre este material de leitura, aparentemente menor, negligenciável.

A tônica desses livros era de uma leitura endereçada à jovens mulheres, conhecida como literatura cor-de-rosa por seus motivos românticos, cuja convenção via homens e mulheres como seres sensíveis, com valores como as emoções, beleza, sensibilidades: uma versão modernizada do folhetim. Eram, também, leituras de entretenimento e de fácil assimilação e cuja emergência coincidia com o período do segundo pós-guerra. Tal fato permite conjecturar que este tipo de leitura considerada como de evasão/compensação podia ser um meio para não lembrar da guerra, como argumenta GONZÁLEZ (2002, p.52) "*um produto industrial que repetia os mesmos esquemas, as mesmas situações, diálogos que a leitora comum esperava depois das tormentas de uma guerra*".

Neste estudo, através da análise de um corpus documental composto da coleção de bolsilivros de Corin Tellado que circulou abundantemente no Brasil entre as décadas de 60 e

1.- Criada em 1910, como Editorial El Gato Negro por Juan Bruguera, foi transformada em Editorial Bruguera em 1936/37 pelos filhos de Juan Bruguera: Pantaleón e Francisco, especializando-se em edições populares, revistas infantis e folhetins por entregas em domicílio. (González, 2002, p. 64).

2.- González, Angeles C. Corin Tellado. *El erotismo rosa*. Madrid: Editorial Espasa Calpe. 2002. Capítulo VI/ "Lecturas para después de una guerra". p. 51-57.

70 do século passado, procurou-se analisá-los tanto em seus suportes materiais bem como em seus dispositivos textuais com o fito de mapear um dado conjunto de regras morais e condutas prescritas que compõem o repertório de civilidades de uma época. Considerados como literaturas/leituras *ordinárias* suas imagens se prestam a um processo hermenêutico já que comportam o simbólico. A análise procura exercitar uma dada percepção para apreender intervenções de certas linguagens no transcorrer da história e como estas possam ter constituído novas formas de sensibilidade. Tais linguagens instituem comportamentos e padrões de conduta que atuam no cotidiano de indivíduos, despertam afetividades quase sempre com muita eficácia porque atingem emoções e, portanto, uma das instâncias mais íntimas de homens e mulheres. Considerar linguagens como saberes impressos ligadas é um exercício de resignificação de situações que foram durante muito tempo desconsideradas por historiadores envolvidos em linguagens racionais, científicas, não-emotivas, inauguradas pela modernidade.

### **Da autora e da vendagem**

Corín Tellado, escritora asturiana que já foi descrita como “inocente pornógrafa”, “mercenária”, “rainha do erotismo patológico, obsessivo y tentador”, ostenta um invejável recorde de vendas, cerca de 400.000.000 de exemplares a partir do lançamento de sua primeira novela, em 12 de outubro de 1946. Traduzida para quase todos os idiomas em uso, a autora figura no Guinness de 1994 (edição espanhola) como a mais vendida em língua castelhana, superando ao próprio Cervantes. Tal afirmação já havia sido formulada pela UNESCO em, 1962.

Cabe se perguntar por que uma escritora de folhetim é tão valorizada pelo governo de Espanha. Com freqüência o seu nome está na mídia daquele país, sempre vinculado à notícias que exaltam a sua imagem pessoal. Em 1968 recebe o prêmio “Asturiana del año”. Em 1999, o prefeito da cidade de Gujón, Vicente Álvarez Areces, inaugurou uma vila em sua homenagem<sup>3</sup>. Em 1998, o então vice-presidente, Francisco Álvarez-Cascos, lhe entrega a medalha de “Oro al Mérito en el Trabajo”, concedida pelo rei Don Juan Carlos I. Em 1999 recebe a “Orden de Astúrias”.<sup>4</sup> Segundo a reportagem citada Corin Tellado, que, segundo suas próprias palavras, escreve “novelas de evasão, para entreter”, é leitora de Arthur Miller e de Vítor Hugo. É admirada por reconhecidas figuras da literatura contemporânea, como Gustavo Bueno, Guillermo Cabrera Infante e Mário Vargas Llosa, quem opinou que a vasta produção da escritora “ficará como amostra de um fenômeno sociocultural”.

As novelas da autora começaram a ser rodadas em 1996 no formato de telefilme pela rede de TV espanhola Antena 3, em Sevilla. O primeiro título foi “Tu pecado me condena”. É precursora também em outros âmbitos: a sua obra já está na Internet, antecipando-se assim a Stephen King, a quem se atribui a primeira incursão de uma novela no médio virtual<sup>5</sup>.

3.- “Una calle de novela”. EL COMERCIO, 26 de abril de 1999.

4.- “Unánime reconocimiento a asturianos de mérito”. EL COMERCIO, 6 de agosto de 1998.

5.- “Corín Tellado hace literatura en la red”. LA NUEVA ESPAÑA, 13 de abril de 2000.

Para GONZÁLEZ (2002) que escreveu a sua biografia, a chave do sucedido da escritora deve ser buscada em seu erotismo difuso, onde o sexo está “sem estar”(p.93). Tal habilidade teria sido desenvolvida em meio ao cenário de moralismo desenhado pela Espanha franquista, momento em que a sua capacidade de burlar a censura teria lhe garantido a sobrevivência profissional. Segundo a própria Corín contou a GONZALEZ (2002, p.109):

*Un beso entonces era casi un escándalo, pero yo me las ingeniaba para que mis personajes se besasen. Me atrevía a decir lo que nadie decía, con un estilo peculiar entre decir y no decir y hacer ver. De burlar a la censura aprendí yo este estilo que lo sugiere todo sin necesidad de detallarlo.*

Esta invenção de um erotismo de soslaio pode ter sido uma ponte entre a escritora e o leitor, uma espécie de código que vinculava em sua cumplicidade as duas partes de uma relação vigiada pela censura oficial. Mas sem desafiá-la., sem se arriscar a um enfrentamento óbvio e inútil. Escreve Francisco Umbral:

*En la larga posguerra española, cuando el erotismo estaba prohibido, censurado, mi amiga Corín se inventa el erotismo del corazón, el erotismo de los sentimientos[...] Corín es el Flaubert macho que se inventa en la posguerra una fórmula literaria para burlar la censura: la novela de amor sin sexo, la novela de sexo sin sexo [...] todos los grandes del antifranquismo se inventaron una fórmula para burlar la censura. [...] un escritor es capaz de decirlo todo bajo cualquier sistema.(GONZALEZ, 2002, p.102).*

Nestas “novelas cor-de-rosa”, a trama se apresenta de maneira aberta, sem elucubrações ou imprevistos. O que importa é a narrativa, que não ostenta recursos estéticos. Jamais se abordam assuntos escabrosos, ou polêmicos, como a homossexualidade, o aborto, o sexo oral ou as drogas. A sua matéria prima é o amor romântico. Não se indagam diferenças sociais, e a sua temática está bem longe da luta de classes: as mesmas aprecem naturalmente, sem contradições: há patrões e empregados, e as relações que se estabelecem entre essas partes são mais propícias ao romance do que ao conflito.

As heroínas de Corín Tellado são pacatas, mas não ficaram relegadas no tempo. Hoje são independentes e profissionais (enfermeiras, secretárias, executivas, mulheres de negócios), mas continuam sonhando com homem ideal de uma forma adequada à estética romântica, e necessariamente pudica que caracteriza o gênero. Na opinião de GONZALEZ (2002, p.109), Corín escreve as novelas que as leitoras desejariam escrever em cada época. As protagonistas de Corín Tellado buscam o amor em si, e não como um caminho para o matrimônio. Tal vez se encontre aqui uma outra chave para o seu sucesso: a expectativa de viver uma relação diferente daquela para a que as suas leitoras tinham sido preparadas pelos cursos femininos; para serem mães e esposas, “rainhas do lar”.

Historicamente, desde, os inícios do século XIX, uma onda crescente de novelas e romances inundou as livrarias e parece correto afirmar que as mulheres leitoras

desempenharam e continuam a desempenhar um papel importante em sua difusão como aparece descrito em GIDDENS (1993, p. 50):

*O amor romântico introduziu a idéia de uma narrativa para uma vida individual (...) Contar uma história é um dos sentidos do 'romance', mas esta história tornava-se agora individualizada, inserindo o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos sociais mais amplos.*

Os pequenos livros de Corín Tellado, muito populares na Espanha e nos países da América Hispânica, só circularam no Brasil a partir de meados dos anos 60 do século XX por concessão da *Editorial Bruguera* que estabelece um escritório no Rio de Janeiro para divulgação de suas publicações. Instalada desde 1960 no país, a *Editorial Bruguera* era a subsidiária brasileira da *Francisco Bruguera*, de Buenos Aires. Sua instalação no Brasil se deu no contexto em que o público consumidor de livros estava em crescimento, devido, segundo HALLEWELL (1985, p. 576), especialmente aos programas de expansão do ensino superior brasileiro: se em 1950 havia cerca de quarenta e cinco mil estudantes matriculados no ensino superior, este número multiplicou-se para mais de um milhão em 1975.

Outro motivo para a entrada no mercado nacional da editora de Francisco Bruguera foi o fato de que, até 1958, as editoras brasileiras não possuíam muitos incentivos para fazer mais do que distribuir os produtos de suas matrizes. O subsídio do governo federal à taxa de câmbio para livros importados fazia com que estes fossem mais baratos do que praticamente tudo o que se produzisse no país. Por tal razão, diversas firmas multinacionais, entre elas a Bruguera, estabeleceram aqui suas subsidiárias comerciais, cujos livros obtinham ótimas vendas com preços muito mais razoáveis.

No Brasil, fator importante também foi o *upgrade* ocorrido no parque gráfico nacional durante o governo Juscelino Kubitschek, que permitiu que tais subsidiárias inclusive imprimissem suas obras no país. Entre outras medidas, o governo Kubitschek liberou a concessão de licença de importação para o setor gráfico, isentou o setor livreiro de quase todos os impostos, reduziu as tarifas postais para livros e estabeleceu medidas protecionistas para afastar o papel estrangeiro, subsidiando a indústria papeleira brasileira. Com o crescimento acelerado da indústria gráfica e os baixos custos do papel e da mão-de-obra, além da expansão do público consumidor durante a década de 1960, passou a ser lógica a instalação destas subsidiárias e o investimento na tradução para o português de obras estrangeiras, como as de Corín Tellado.

Um dos diferenciais da Bruguera no mercado nacional foi o grande investimento no segmento de livros de bolso, também conhecidos como bolsilivros ou *paperback* (livros de capa de papel, brochuras), vendidos por preços módicos, utilizando-se de papel tipo jornal, sem grandes preocupações estéticas e em formato pequeno, que facilitava a leitura e o porte em qualquer lugar, comercializados especialmente em bancas de revistas, mas também em farmácias, postos de gasolina, quiosques, aeroportos, supermercados, enfim, pontos de vendas outros que não apenas as livrarias, que por sinal, nunca deram o devido espaço a este tipo de publicação popular em suas estantes.

Para HALLEWELL (1985), o *pocketbook* não é apenas um produto mais barato, mas um conceito de marketing. O formato do livro de bolso já não era novidade desde a década de

1930, com as coleções da Livraria do Globo, de Porto Alegre, que colocou em circulação no mercado nacional tais livros em formato reduzido. O que os diferenciava das tentativas anteriores de popularização do formato pocket foi justamente a sua aparência claramente barata e de qualidade inferior. Hallewell afirma que: *todo o produto acaba por adquirir seu próprio nível de preço no varejo, aceito generalizadamente. Simplesmente transferir ao consumidor as economias de uma tiragem maior, sob a forma de redução de preço, não geraria maiores vendas, mas sim suspeitas sobre a qualidade e, portanto, vendas menores* (p.560). Para aumentar o mercado de um produto no varejo seria então necessário transformá-lo em algo que o consumidor enxergue como um objeto drasticamente diferente. A forma encontrada foi fazer que tais bolsilivros aparentassem ser claramente inferiores a qualquer livro, objeto sacralizado, símbolo de cultura e *status*.

De fato, os livros de bolso têm uma aparência própria e única, longe do objeto de desejo de bibliófilos e de tipógrafos refinados na busca da confecção do *in-fólio* perfeito. O papel é o mais barato, as margens são reduzidas, cabendo apenas a ponta dos polegares e nada mais. Sem costura, são facilmente deformáveis, tanto pela ação da leitura quanto do incentivo dado pelo formato de que fazamos jus a sua alcunha: guardá-los nos bolsos, ou em qualquer outro lugar mais prático. As capas, assim como as traduções para o português de seus títulos, são chamativas, provocantes, sensacionalistas, *kitchs*, educacionais e elucidativas, uma janela para o texto que deixa entrever todo o desenrolar da trama. Das séries mais populares publicadas pela Bruguera, destacam-se: *Horas Alegres* e *Tele Infância*, a publicar histórias de personagens televisivos e heróis de revistas, como Plic & Ploc, Pernalonga, Família Telerin, Zé Colméia, Flinstone, Popeye, Dom Pixote, etc, destinados à “crianças e adultos bem-humorados”; a coleção *Ficção Científica*, gênero que, segundo seu anúncio, “atende à curiosidade do homem moderno”; a coleção *Olho Mágico*, título, por sinal, muito sugestivo, a indicar algo visto por alguém que não se expõe, mas enxerga o mundo ao redor, ideal para o *voyeurismo* de uma série que publica as histórias eróticas de Theodora Keogh, “escritora para quem não há tema proibido”; a coleção *Coplan*, obras sobre espionagem protagonizadas pelo Agente FX-18, “amante do perigo e das belas mulheres”, tal qual um James Bond de bolso; a coleção *Terra Brava*, histórias épicas “da conquista do oeste pela pena incomparável de Tom West”; e, a coleção *Livro Amigo*, única série que mereceu maior cuidado estético da editora, com capa e papel de melhor qualidade, mas com o mesmo formato de bolso, talvez por publicar clássicos de autores consagrados como John Steinbeck, Leon Uris, Honoré de Balzac, Tolstoi, Dostoievski, Oscar Wilde, Elia Kazan, André Gide, Arthur Azevedo, Virginia Wolf, Stendhal, Sinclair Lewis, entre outros. Contudo, um dos seus principais sucessos foram mesmo os livros românticos, destinados ao público feminino, escrito por autores como Maria Teresa Sese, Carlos de Santander, Vicky Doran, Celia Bravo, e com maior destaque para Corín Tellado, autora dos principais sucessos.

Devido aos altos índices inflacionários do país, a editora adotou o sistema de subdivisões entre as séries. Assim, os livros de Corín Tellado, por exemplo, ora apreciam sob o selo Corinto, ora pelo selo Ventura, entre outros como Célia, Marisol, Lírio, Kátia, Trevo e Diana. Ao invés de imprimir o preço em capa, cada jornaleiro recebia periodicamente a tabela de preços de cada coleção, impedindo a desvalorização dos exemplares das “mais lindas histórias de amor” escritas por Corín e lidas por um número cada vez maior de leitoras.

A leitura destas histórias sentimentais, alcunhada de “novela rosa” aparecia semanalmente com uma infinidade de novos títulos e enquadrados em coleções que favoreciam

a identificação e o intercâmbio. Seus argumentos são estereotipados, seus personagens arquetípicos, os valores sociais convencionais e temas amorosos que terminam canonicamente em casamento. Seus autores não são renomados, mas obtêm lucro e escrevem de forma simples com *muito diálogo, nenhuma descrição longa, frases de estoque, ambiente convencional*. (BOSI, 1993, p.165). Este tipo de leitura apelava para o *ser moderno* entendido como um imperativo básico de ser civilizado, adotava uma linguagem carregada de estrangeirismos, que ia dos simples vocábulos ao nome dos/das personagens (*Edward, Richard, Mildred, Sthefany, etc*), com uma valorização estética de tudo que era fútil e efêmero, com uma temática centrada no mundanismo como um estilo de vida, muito comuns como:

*Foram sete dias maravilhosos. Sete dias cujos minutos foram  
Aproveitados como se fossem os últimos da vida de ambos.  
Ao meio-dia iam à piscina. À tarde, iam às compras. Jantavam  
No Jockey Club e depois iam ao teatro.  
(Corin Tellado/ Espinhos na Carne)*

Tanto no Brasil como nos demais países da América Latina e na própria Espanha, os livros de bolso de Corin Tellado eram impressos de uma forma que possibilitava uma leitura em qualquer espaço tanto em transportes públicos como em salas de espera e em intervalos de trabalho e, tudo indica que esta materialidade do suporte foi uma das razões do seu êxito. Na chave dos estudos da História da Leitura, o historiador Roger Chartier lembra a importância do suporte em que o texto é apresentado ao leitor argumentando enfaticamente que *é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor*. (CHARTIER, 1991, p.182).

56

Os livros de bolso de Corin Tellado eram apresentados em Coleções intituladas *Trevo, Carícia, Amor* com capas coloridas e de grande apelo discursivo, eram dirigidos a leitoras (operárias, trabalhadoras urbanas, etc) que apreciavam o tom romântico. Convém ressaltar que nem só este público lia estes livros. Foi possível encontrar vestígios/ marcas dessas leituras em anotações pessoais de jovens urbanas de classes médias, estudantes, professoras, e muito sintomaticamente esta temática da literatura de evasão vai circular no cinema. O cineasta espanhol Pedro Almodóvar escreve e dirige o filme *A flor do meu segredo*, em 1995. Neste filme a protagonista (Leo) é uma escritora de romances cor-de-rosa que os assina com o pseudônimo de Amanda Gris. Em entrevista, a um jornal brasileiro, em 1995, o cineasta afirma que a *inspiração* para a criação veio de tantas leituras românticas que suas irmãs liam em casa.

Segundo os estudos de ORTIZ (1994) o período que vai dos inícios da década de 1960 aos anos de 1980 é a fase em que se consolida um mercado de bens culturais, fruto do desenvolvimento do capitalismo e da industrialização recente que multiplicou as oportunidades de trabalho e lançou as bases de uma diversificada e moderna sociedade de consumo. Há, em consequência, uma expansão de um mercado tipográfico que impulsiona o consumo de leituras "de massa", pelas novas tecnologias que podem baratear a produção bem com a facilitar a circulação.

Certamente os militares não inventam o capitalismo, mas 1964, é um momento de reorganização da economia brasileira que cada vez mais se insere no processo de internacionalização do



capital; o estado totalitário permite consolidar no Brasil, o 'capitalismo tardio'. Em termos culturais essa reorientação econômica traz conseqüências imediatas, pois, paralelamente ao crescimento do parque industrial e do mercado interno de bens materiais, fortalece-se o parque industrial de produção de bens culturais (p. 114).

Para BOSI (1992) as pessoas que trabalhavam em situações precárias necessitavam esquecer-se da dura 'realidade' e os romances entretinham seu tempo livre (tempo de ócio) pois tudo se passava no plano da expectativa, do porvir. A felicidade não se encontrava no presente, mas sim no futuro que estaria a caminho. Há um apelo encantatório do vir-a-ser: *nos romances de amor, como nas cartas de cartomante, há sempre um homem a caminho, um valete que chegará um dia trazendo a felicidade.* (COLASANTI, M. 1984).

A análise livros de bolsos dados a ler em bancas de jornal permite inferir que certo imaginário romântico provinha, em grande medida, da leitura desses materiais que eram construídos com a fórmula do amor romântico e segundo estudos recentes de PELEGRINO e ABRAMO (1994, p.81) principalmente nos anos 70 com uma certa saturação das fotonovelas, as editoras passaram a incorporar às revistas pequenas, histórias no melhor estilo rosa. E foi preciso pouco tempo para que se percebessem nos ônibus, nas carteiras escolares dos cursos noturnos, nas caixas de supermercados sem movimento ou nos consultórios de dentistas, as leitoras preferiam os pequenos contos às fotonovelas, como se imaginar as cenas descritas valesse mais a pena do que os amores explícitos das fotografias.

A medida que se investiga o tema é possível perceber as múltiplas possibilidades de análise desse material, mas nesse momento da pesquisa, ainda em sua fase inicial, pretende-se apresentar uma primeira tentativa de análise de suas capas e títulos na clave de uma história cultural da leitura que considera as imagens como 'experiências históricas' e 'cerimônias de apropriação para o texto escrito' e como tal, merecedoras de maior investimento epistemológico por serem produtoras de sentidos/significados e alimentadoras do imaginário.

## Capas e títulos: Um território à espera de cartógrafos

Nos livros de bolso em estudo as imagens (ilustrações) de capa incluindo seus títulos são, por si só, textos que permitem interpretações para seus aparentes clichês e palavras de ordem repetitivas que sinalizam para valores, normas, condutas circulantes em cada época.

Problematizar estas imagens no campo da história é um desafio e pede um olhar ampliado que contemple tanto para suas dimensões formais (capas) como semânticas (títulos) e assim, parte-se do pressuposto de que elas são "construções" que se articulam através de uma montagem (capas e títulos) que almejam produzir positivities. Trata-se, então, de entendê-las não como meras expressões de uma propaganda, autoritária ou não, mas como produtoras de imagens formuladoras e produtoras de outros/novos significados e sentidos, apontando para o estudo de questões referentes à história política deste período histórico analisado tradicionalmente através de documentos escritos.

As capas dos livros de bolso eram desenhadas em cores fortes e expressavam, quase sempre em primeiro plano, a imagem de um casal em momento idílico. A figura feminina é destacada na capa e há uma tendência que se evidencia: o corpo feminino expresso em belas formas físicas se sobressai na paisagem. Tais imagens corporais transpiram des-

contração, uma certa irreverência. Os cenários são, na maioria das vezes, imperceptíveis e quando aparecem representam cenas de vida metropolitana/cosmopolita, expressam um estilo de vida urbano, moderno. Nos livros de bolso de Corin Tellado, as imagens de capa apresentam figuras de mulheres em tons coloridos e gritantes e a impressão em papel brilho merece destaque. Comparadas às imagens de outros romances de banca vendidos nos anos 50<sup>6</sup> estas capas, embora em formato pequeno, ganharam em leveza e irreverência, antecipando, quiçá, as emoções da leitura e assinalando os primórdios da *invasão* do livro de bolso estrangeiro, como *literatura de entretenimento das massas* (PAES, 1989) facilitada e estimulada pela ausência de similares nacionais e que passaram em seus países de origem pelo teste da popularidade e aqui chegaram aureolados do prestígio publicitário.

Vendidas com custo baixo em bancas de jornal, tais imagens visavam, prioritariamente, um público leitor feminino em processo de urbanização, procurando apreendê-lo em mundo *moderno* que diga respeito ao cotidiano e cujos personagens exerciam profissões liberais como os advogados, industriais (estes eram a maioria dos protagonistas), os médicos etc. enquanto as *heroínas* trabalhavam, praticavam esporte, cuidavam do aspecto físico, mas não se envolviam em nenhuma querela sócio-política, querendo apenas *amar/ ser amada e vencer na vida*. Uma literatura açucarada, onde não se fazem presentes indagações de cunho político, existencial.

O impacto deste tipo de leitura no Brasil dos anos da ditadura (décadas de 1960/70 do século XX), permite algumas inferências que deverão ser aprofundadas ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Parece inegável, nesse momento, ressaltar a inserção da economia brasileira no processo de internacionalização do capital que, em termos culturais, favoreceu a implantação de uma *indústria cultural* que criava expectativas de posse de bens simbólicos, como os livros, a uma parcela até então inacessível a este tipo de produto.

No âmbito do impresso há o fortalecimento do parque gráfico pela importação de novos maquinários com a conseqüente ampliação da indústria editorial. Ao mesmo tempo a modernização da sociedade apressou também a mudança dos padrões de conduta privada. Pode-se, então, pensar a proliferação desses materiais para leitura como um produto industrial pré-fabricado para um público que para além das classes médias urbanas pretendia alcançar, também, setores da classe trabalhadora que começavam a migrar para as cidades e cujo sonho era “vencer na vida” e para quem tais leituras pretendiam difundir um tipo de comportamento a ser alcançado.

Os títulos parecem satisfazer ao maior número de seus consumidores – as jovens mulheres – daí que em sua maior parte fazer-se uso de recursos de efeito já consagrado e que, minimizando o esforço interpretativo sinalizavam para um certo romantismo banalizado pela repetição – *Doce escravidão; Amor e Desespero; Ninguém vive sem amor; Foi sem querer; O destino de Leida, etc.* Este expediente, ao que parece, contribuiu para poupar as futuras leitoras, no ato do consumo, de maiores esforços de sensibilidade, inteligência e até mesmo de atenção e memória.

Estes questionamentos ainda  *sintéticos* e por isso mesmo provisórios estão abertos a um itinerário de sugestões, um  *feixe de possíveis* para alimentar possibilidades outras de olhar este material, como registros que não apresentavam qualquer demonstração de conflitos de cunho político e privilegiavam a exaltação do amor romântico.

Pouco se sabe sobre a circulação desses livros no Brasil e muito menos sobre sua recepção em que pese sua penetração como uma prática consolidada de leitura. Esta constatação

6.- Refiro-me aos romances da Biblioteca das Moças de M.Delly.

desafia o historiador a desconstruir essas construções narrativas e, nessa operação, examinar os livros de bolso de Corin Tellado em uma experiência pontuada, sobretudo, pela criação de novas questões que implicam o abandono de posições deterministas e a adoção de uma relação mais íntima entre sujeito e objeto, em que se integrem às questões do passado uma dinâmica do presente; enfim, *uma nova postura diante da história, um outro olhar que interroga o passado a partir de pressupostos que constroem também novos objetos e formulam novas questões* (PESAVENTO, 2004, p.7).

A partir desse contato inicial com os livros de bolso é possível perceber que se por um lado a história desse impresso é atravessada por repetições de certas fórmulas de sucesso que insistem em permanecer e se transformam em clichês do que se convencionou chamar “literatura sorriso da sociedade”, esta história também é atravessada por rupturas como a possibilidade de refletir sobre a história da produção desses impressos, de suas representações iconográficas de suas capas e da formação de gostos e percepções estéticas suscitadas pelas suas narrativas. Seus altos índices de vendagem autorizam este investimento.

Assim, não é possível vincular diretamente tais leituras a uma determinada parcela social e cultural sob pena de simplificar o estudo e pode-se dizer que esta demografia de leitoras (haveria leitores?) não se subordina apenas às forças subjetivas que operam na relação da leitura, ela está sujeita, também, a forças objetivas das quais as mais ponderáveis estão relacionadas às convenções textuais/discursivas, imagéticas e editoriais que devem ser obedecidas e respeitadas para saber *ler satisfatoriamente* e produzir sentidos.

Parece inegável que tais leituras forneceram alimento ao imaginário e ao comportamento erótico/romântico das tantas leitoras e reverberaram de alguma forma na construção de suas sexualidades. Entretanto, convém questionar, na perspectiva de CHARTIER (1989), as correlações simplistas e redutoras entre a história dos textos e da leitura e suas apropriações pelo/a leitor/a, pois é sempre importante não considerar *totalmente eficazes e radicalmente aculturantes os textos ou as palavras que pretendem moldar os comportamentos e as condutas* (CHARTIER, 1989: 136). No período em estudo, por exemplo, os manuais de civildade e formação que circulavam na educação escolarizada de homens e mulheres disponibilizavam à leitura prescrições de outra ordem para reger o comportamento feminino e neles é possível encontrar recomendações diferenciadas ligadas à contenção sexual para os comportamentos desejados e esperados entre os sexos. Nestas obras, somente a título de ilustração, em nome do recato e da pureza das mocinhas, era freqüente que as informações a respeito da sexualidade humana chegassem a elas marcadas pela repressão, pela censura, silêncio e preconceito.

Como leitura de entretenimento, lida por mulheres (operárias, professoras, estudantes) no Brasil no período da ditadura militar - os anos de chumbo - seu êxito parece estar relacionado, entre tantas outras variáveis, à possibilidades de não pensar nas *outras guerras*, as ditas cotidianas daquele período de exceção da vida nacional.

## Referências Bibliográficas

- Bosi, E. (1991). *Cultura de Massa e Cultura Popular*. Leituras de Operárias. Petrópolis Rio de Janeiro: Vozes.
- Chartier, R. (1991). *O mundo como representação*. Estudos Avançados. (11-5) São Paulo: EDUSP 11(5).
- Colasanti, M. (1984). *E por falar em amor*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro.

- Cunha, M.T.S.(1999). *Armadilhas da sedução. Os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: UNESP.
- González, A. C. (2002). *Corin Tellado. El erotismo rosa*. Madrid: Espasa Calpe.
- Ortiz, R.(1988). *A moderna tradição brasileira. Cultura Brasileira e Indústria Cultural*. São Paulo: Brasiliense.
- Paes, J.P. (1989). *Faz falta uma literatura brasileira de massa*. Folha de São Paulo. Caderno Ilustrada. (10 /01/1989).
- Pellegrini, D. e Abramo, M.A (1994). *Almanaque do amor. No fluxo da utopia*. São Paulo: Imaginário.
- Pesavento, S.J. (2004). *Escrita, Linguagem, Objetos. Leituras de História Cultural*. Bauru, São Paulo: EDUSC.
- Scalco, F. (1995). *Entrevista com Pedro Almodóvar*. Folha de São Paulo/ Caderno MAIS/ 21/10/1995.
- Livros de Corín Tellado editados entre 1965 a 1978/ Editorial Bruguera/ Cedibra/ Rio de Janeiro.

## SITES CONSULTADOS NA INTERNET

- [www.corintellado.com](http://www.corintellado.com)>. Acessado em 26/08/2005.
- [www.la-lectura.com/ensayo](http://www.la-lectura.com/ensayo)>. Acessado em 28/08/2005.
- [www.netcom.es](http://www.netcom.es)>. Acessado em 31/08/2005.
- [www.revistafusion.com/asturias/1999/agosto/mujer](http://www.revistafusion.com/asturias/1999/agosto/mujer)> Acessado em 31/08/2005.